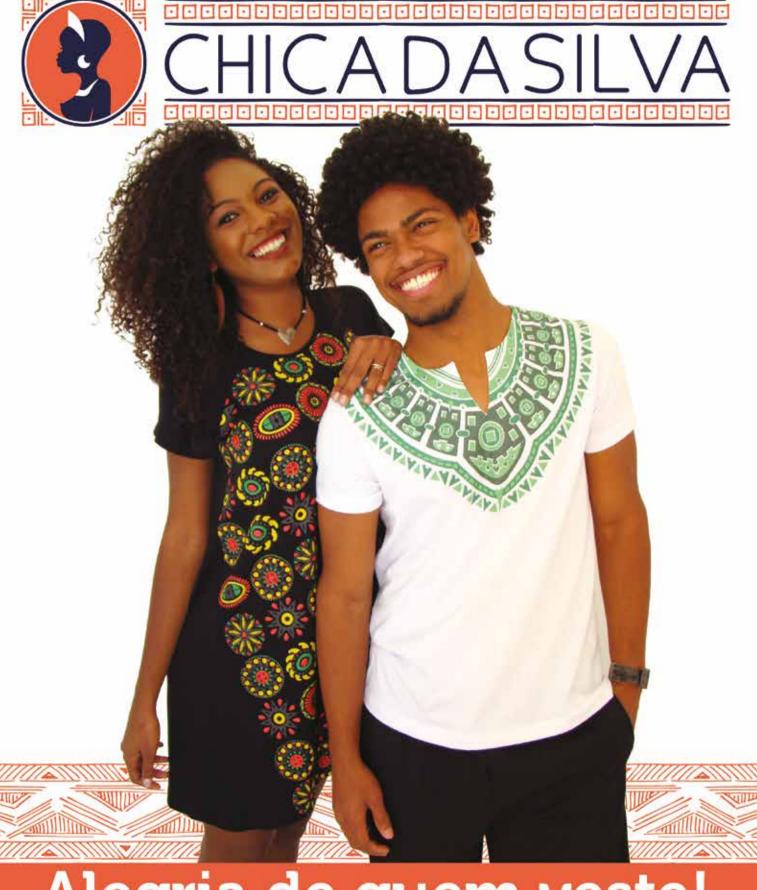


Valorização e promoção da cultura africana e afro-brasileira

ano 6 - edição 16 - Junho 2021









Cablelé

Valorização e promoção da cultura africana e afro-brasileira

#### **Editorial**

O genocídio instituído diante da irresponsabilidade do governo federal no enfrentamento da Covid-19 segue eliminando vidas de brasileiros. O país já conta com mais de 450 mil mortos vítimas da doença que já tem vacinas.

A Revista Canjerê segue neste cenário refutando o negacionismo com a producão de conteúdos para reafirmar a identidade desse povo que é de resistência e luta. A capa da 16ª edição é assinada por Silvia Cristina Silvado, e convida a conhecer um pouco da obra e vida do escritor, poeta, professor e pensador da cultura afro-brasileira, Edimilson de Almeida Pereira. Na secão entrevista, Rosália Diogo conversa com Paulina Chiziane, primeira mulher moçambicana a publicar um romance. Em Cinema. Denilson Tourinho faz uma análise do média--metragem Ditadura-Roxa, que com a protagonista interpretada pela atriz Meibe Rodrigues, tem ganhado prêmios nos festivais e mostras onde é exibido. Carlandréia Ribeiro divide seu olhar mágico sobre a manifestação teatral e como a linguagem foi afetada pelo isolamento social na seção Teatro. Naiara Rodrigues assina as seções Olhar social, contando sobre o Projeto Respire e sua atuação que oferece assistência jurídica gratuita em casos de racismo, e a seção Comportamento traz a história do coletivo AfroBapho, formado por jovens negros periféricos de Salvador que utilizam a arte integrada como ferramenta social. Na seção África, Marcos Antônio Cardoso revela a história do império do Ghana, civilização que ocupou territórios ao Sul do Saara em decorrência do processo de islamização africana que se iniciou no séc. VII. Em negócios, Sandrinha Flávia conta como empresárias da AYA Acessórios alinhou originalidade e resgate da ancestralidade na confecção de semijoias exclusivas e atemporais. Em Gente do Canjerê, Samira Reis revela a imagem do fotógrafo Ricardo Laf, integrante da nossa equipe. E sempre contamos com a poesia. Nesta edição, expomos o poema de Marcial Ávila, que também ilustra a sua própria poesia.

Desejamos a todos uma boa leitura! Equipe da Revista Canjerê

**Roger Deff** 



Foto: Flavio Charchar

chicadasilva.com.br



valorização e promoção da cultura africana e afro-brasileira

### **SUMÁRIO**

Entrevista Paulina Chiziane: as diversas possibilidades de falar sobre o feminino Matéria de capa p18 Edimilson de Almeida Pereira é um homem das Letras p24 Civilizações negras ao sul do Saara: O império do Ghana (300-1075) p26 Ensaio Representatividade Afro em mobiliário Comportamento p10 Coletivo AfroBapho, de Salvador, utiliza as artes integradas para a mobilização social p12 As lives que alimentaram a nossa alma Canjerê Gente do Canjerê p14 O urbano e a cultura pelas lentes de Ricardo Laf p16 Olhar Social Projeto Respire oferece assistência jurídica voluntária para casos de racismo Negócios p22 Com conceito próprio, a Aya Acessórios mostra como vender semijoias e gerar conexões a partir da identidade do negócio Cultura - Literatura p29 Isidoro um Homem de Quilate! Cultura - Cinema **08**a E se essa mulher fosse de outra cor? Confabulações de uma sociedade dicotômica no filme Ditadura Roxa

Foto da Capa: Carlos Mendonça









#### **Erramos:**

Matéria de Capa

Edimilson de Almeida Pereira

é um homem das Letras

Silvia Cristina Silvado

Na edição anterior, na seção Comportamento, informamos que a foto de Zora Santos era Divulgação. O crédito da foto é de Lucas Pinho.

#### Colaboraram nesta edição:

Acervo São Paulo Companhia de Dança, Afrikaniagh, Ari Capela, Carlandréia Ribeiro, Carlos Mendonça, Daniel Alves, Denilson Tourinho, Diego Moreira, Equipe Olula, Everton Carvalho, Flávio Charchar, Gabriel Oliveira, João Lima, Lpping, Leo Kesley, Lucas Hallel, Marcos Antônio Cardoso, Matheus Ramos, OHM Kollektiv BH, Pablo Bernardo, Prisca Agustoni, Renato SA e Sílvia Cristina Silvado.

Apoio Financeiro.



#### **Expediente**

INSTITUTO CULTURAL CASARÃO DAS ARTES

Diretora Executiva Maria Aparecida da Silva Santos

Curadora Rosália Diogo

**EDITORIAL** 

Rosália Diogo

Roger Deff

Repórteres Moisés Mota, Sandrinha Flávia

Leonardo Oliveira e Maria Luiza Viana

Leo Ramaldes, Marcial Ávila e Maria Luiza Viana

Fotografia Sol Brito Ricardo Laf (Tratamento de imagens)

> Colaboração Editorial Naiara Rodrigues

Paulo Roberto Antunes CONSELHO EDITORIAL

Carlos Serra Universidade Eduardo Mondlane - Mocambique

Edimilson de Almeida Pereira Universidade Federal de Juiz de Fora - Brasil

Eduardo de Assis Duarte Universidade Federal de Minas Gerais - Brasil

> Filinto Elísio Rosa de Porcelana Editora - Cabo Verde

Ibrahima Gaye Centro Cultural Casa áfrica - Brasil - Senegal

Maria de Mazzarelo Rodrigues

Mazza Edicões - Brasil Marcial Ávila

Instituto Casarão das Artes - Belo Horizonte - Brasil

Maria Nazareth S. Fonseca Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais - Brasil

> Patricia Gomes (Guiné-Bissau) Universidade Federal da Bahia - Brasil

Rosália Diogo Instituto Casarão das Artes - Belo Horizonte - Brasil

Av. Bernardo Monteiro, 414 Bairro Santa Efigênia 30150-280 - Belo Horizonte/MG Telefone: (31) 3273 0601 artesdocasarao@gmail.com



Agradecemos a todos da equipe Casarão das Artes e aos parceiros do Brasil e do exterior que aceitaram o desafio de construir esta importante fonte de informação e pesquisa.

Cultura - Teatro

Notícias

O Instante Mágico

p31

p32

## Paulina Chiziane: as diversas possibilidades de falar sobre o feminino

#### Rosália Diogo

Chefe de Redação da Revista Canjerê. Pós-Doutora em Antropologia da População Afro-brasileira. Gestora do CRCP Lagoa do Nado

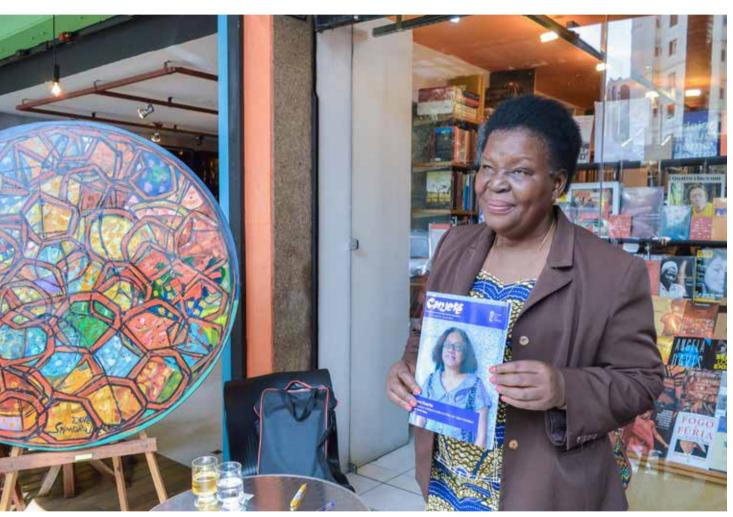


Foto: Rosália Diogo

Paulina Chiziane nasceu em 1944, em Manjacaze, província de Gaza, Sul de Moçambique. Foi a primeira mulher moçambicana a publicar um romance. Dessa forma, a escritora desafiou e desafia críticas e resistências sociais e culturais no seu país e no continente africano. Paulina representa uma mulher moçambicana que fala sobre as mulheres do seu país e do mundo. Posicionamento que modifica o cenário social que normalmente é protagonizado por homens. Escreveu alguns contos e estreou no romance

com a obra Balada de amor ao vento (1990), editora Caminho. Publicou também por essa editora Ventos do Apocalipse (1995), O sétimo juramento (1999), O alegre canto da perdiz; Niketche: uma história de poligamia (2004), Companhia das Letras; Por quem vibram os tambores do além? (2013), ed. Índico; Na mão de Deus, ed. Carmo; e Ngoma Yethu: o curandeiro e o Novo Testamento (2015); O Canto dos Escravizados (2018) e As andorinhas (2008) pela editora Nandyala.

Entrevista concedida em 2011, na cidade de Maputo, capital de Moçambique.

RD.Qual é sua opinião sobre Lobolo e Poligamia, tradição e modernidade. Alguns dizem que Nikecthe é um pretexto para você apresentar a discussão à modernidade em Moçambique. O que tem a dizer sobre esses temas?

PC: Eu fui a escritora que mais escrevi sobre os temas lobolo e poligamia. Em todos os livros que eu publiquei, trato desses temas, de uma forma ou de outra. Eu acho que todos os moçambicanos deveriam discutir seriamente sobre o tema poligamia e eu pessoalmente não concordo com ela. Não concordo mesmo, mas por outro lado nós temos a seguinte situação: a região sul do país é patriarcal e a favor da poligamia, e daí veio a religião cristã e instalou a monogamia. E na região norte, que era matriarcal e portanto sem espaço para a poligamia, os mulçumanos se instalarem por lá e daí se implementou a poligamia, então é uma verdadeira confusão. Por lá instalou-se uma religião que não tem nada a ver com os costumes deles, e vivemos nessa complicação. Agora, o que posso dizer da poligamia é que ela é benéfica para as crianças. Os filhos, em uma situação poligâmica, têm uma identidade, e na monogâmica não. Dessa forma, as crianças, independente de serem filhos de uma ou de outra mulher, são reconhecidos como filhos legítimos de uma família, já na relação monogâmica marginalizam-se os filhos das outras mulheres. Eu, pessoalmente, penso que poligamia, nem pensar, mas sou apologista da legalização da poligamia, pois se ela for bem legislada, as coisas tendem a ficarem bem. As pessoas que vivem na cidade é que acreditam na monogamia. A majoria das mulheres vive no sistema tradicional poligâmico e não têm proteção alguma da lei, o que

não é correto. Portanto, devemos olhar para a poligamia porque é uma realidade e é preciso legislar, pois em uma poligamia o homem tem uma mulher e quando resolve ter a segunda, deverá legalizar primeiro a situação com a primeira: dividir os bens, incluindo a casa, deixar a parte dela resolvida e ir cosntruir a nova vida sem que a mulher fique desprotegida. Mas o que acontece de fato é que, com a ausência da lei, o homem vive com uma mulher um tempo e, quando

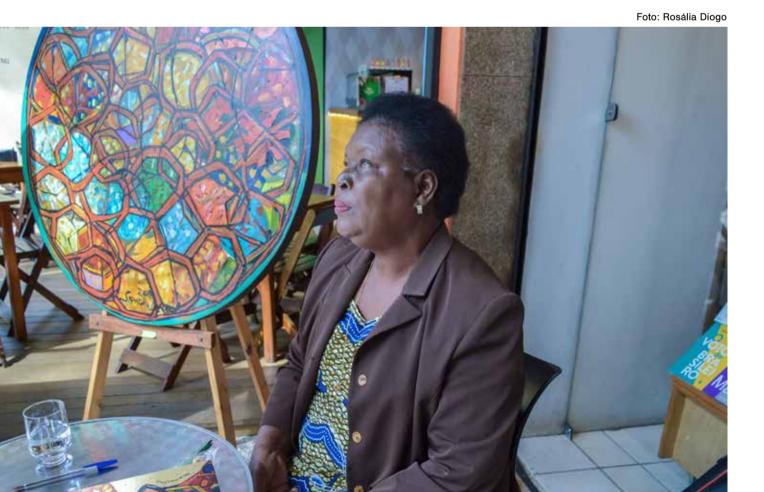
Foto: Rosália Diogo



bem entende, manda-a ir embora, no dia seguinte vai buscar outra ou fica com umas três ao mesmo tempo. Portanto, há de haver um instrumento legal para proteger essas mulheres que vivem nessa situação, pois são a maioria. Como você teve oportunidade de ver, as nossas cidades são bem pequenas e a zona rural é imensa. Dessa forma, toda essa imensidão humana está sem proteção. Portanto, é mais ou menos dessa forma que eu levanto o tema da poligamia – há coisas boas e coisas más. Mulher em uma situação de poligamia é sofrimento, mas as crianças ganham identidade, portanto não sou eu que vou responder se é bom ou ruim.

RD: Estou em Moçambique pelo fato de fazer em minha obra uma análise comparada da sua literatura com a obra de Conceição Evaristo. Sei que ela já esteve aqui no ano passado. O que pensa sobre a escritora?

PC: O que tenho a dizer é que eu não tenho palavras para explicar o que vou dizer: pequei o livro Ponciá Vicêncio para ler e comecei a identificar-me com ele. Li também poemas da recordação e outros movimentos e agradei muito. A sonoridade me chamou atenção também. Conceição escreve na obra assuntos completamente diferentes dos meus, mas quando fecho os olhos, me vejo no Brasil, e penso que poderia ter sido eu a escrever o romance. A obra me fez sentir muito próximo dela, é como se meu espírito estivesse naguela história. Recebi essa obra diretamente das mãos dela e fisicamente não me pareco com ela, mas tem um quê, quando se olha para ela e para mim fica a sensação de pessoas que viveram no mesmo lugar, ou são irmãs. Eu realmente não tenho palavras para explicar. Quando ela esteve cá, estivemos juntas por alguns lugares de Maputo e eu gostaria de tê-la levado a muito mais lugares dos que pude levar porque o programa dela estava muito pertado.



Conceição Evaristo passa por uma pessoa moçambicana, e se eu disser que ela é minha irmã mais velha ou mais nova, com certeza as pessoas acreditarão.

RD: Chiziane, Conceição é uma ativista da temática racial no Brasil. O nosso país segrega e discrimina, de maneira gritante, os afro-brasileiros. A obra de Conceição é fortemente marcada pela denúncia das situações de racismo e de opressão à mulher negra. As leituras sobre o racismo em Moçambique são tímidas, você acha que há racismo aqui?

PC: Há racismo sim. Eu não discuto muito em "Niketche" isso, mas no "Alegre canto da perdiz" essa leitura é possível com mais amplitude. Não sei bem o que podemos dizer hoje sobre racismo em Moçambique. "O Alegre canto da perdiz" é um pouco mais ousado ao abordar o assunto. No fundo, nós fizemos uma luta pela independência, ficou claro que os nossos inimigos eram os portugueses, mas as questões sobre raça no sistema colonial eram muito claras. Fizemos a independência foi há mais de trinta anos e desde então não voltamos a discutir, fazer o debate sobre revolução, paramos de fazer o debate sobre unidade nacional e outros temas. E eu, como sempre, não consigo fechar a porta para os debates que não são tão populares assim. O fato é que os portugueses que aqui ficaram no pós-independência mantiveram os seus privilégios e os seus descendentes também por conta da sua mestiçagem, são filhos de pai branco e daí o conceito dentro da sociedade moçambicana é mais elevado. Por exemplo: se tu fores à províncias do norte como a Zambézia ou Nampula, os empregados dos bancos são mestiços; nos aviões, as funcionárias também são. Raramente nesses postos de trabalho se encontram pessoas negras, com a pele escura como a minha ou a sua. Em grandes empreendimentos hoje, a primeira presença que encontramos é a de mesticos, mas esse assunto não se discute por aqui.

A desculpa é que a Constituição diz que não pode haver discriminação pela raça e outras. Só que se basearmos no que está escrito nela, sem haver um mecanismo de bate público, não basta. Não estamos em igualdade racial de forma alguma.

Aqui no Sul não diz nada, mas na Zambézia, que está no centro, e no norte do país, é muito flagrante, o estatuto do mulato é superior.

É o que posso dizer neste momento sobre a questão do racismo por agora.





#### **COMPORTAMENTO**

## Coletivo AfroBapho, de Salvador, utiliza as artes integradas para mobilização social

#### **Naiara Rodrigues**

Jornalista e assessora de imprensa

Foto: João Lima



Dança, música, performance, arte drag, fotografia, audiovisual, moda, artes digitais... são várias as linguagens presentes nos trabalhos desenvolvidos pelo AfroBapho, coletivo de arte integrada formado por jovens negros LGBTQIA+ da capital baiana. O AfroBapho surgiu a partir de um espaço criado no Facebook para debater questões de intersecção de raça, gênero e sexualidade, que uniu pessoas que compartilhavam vivências. Das ricas discussões, nasceu a vontade de transbordar aquela rede social.

"Percebemos que a melhor forma de dividir conhecimento e sensibilizar as pessoas sobre pautas importantes seria através da arte – que geralmente é uma ferramenta potente que chega a todos os públicos. A partir daí, começamos a pesquisar e produzir conteúdos para falar sobre racismo, estética negra, valorização de corpos dissidentes, dentre outras temáticas", explica Alan Costa, idealizador do Coletivo AfroBapho, que conta hoje com 17 integrantes oficiais, além de realizar parcerias com diversos outros artistas.

As produções fotográficas e audiovisuais, alinhadas ao discurso de defesa dos direitos humanos do grupo, começou a conquistar admiradores, e ele passou a ocupar não só as redes sociais, mas jornais, revistas, programas de TV e eventos em Salvador. As atuações do coletivo começaram com intervenções urbanas em espaços conhecidos da cidade que viraram projetos audiovisuais e, devido ao sucesso, passaram a produzir suas próprias festas, eventos cujo objetivo eram valorizar, celebrar e visibilizar a arte independente de pessoas pretas e LGB-TIA+

O coletivo utiliza o potencial da arte como uma ferramenta de diálogo com a sociedade para falar das próprias existências enquanto corpos dissidentes. "Os nossos corpos já comunicam muita coisa somente ao sermos observados. Quando alinhamos isso a uma estética, aos movimentos de dança, performance e música, potencializamos a criação de uma nova história sobre nós, na qual somos os protagonistas", afirma Alan.

"Quando estamos nas ruas de Salvador, vestidos do jeito que gostamos, nos movimentando e celebrando nossas existências, estamos ali dizendo para as pessoas que também temos os mesmos direitos. Estamos ali buscando a naturalização de quem somos na sociedade e exigindo o mínimo: que é o respeito", ressalta o artista. Assim, o grupo consegue dialogar sobre o racismo através de uma performance drag ou falar sobre a violência contra LGBTQIA+ através de performances de dança. "Isso é o que chamamos de ARTvismo: quando a arte e o ativismo caminham juntos, na defesa da diversidade", explica Alan. O coletivo chegou a ser convidado pela Anistia Internacional para colaborar num projeto sobre Direitos Humanos.

Apesar de toda a visibilidade conquistada ao longo dos 6 anos de atuação – o coletivo conta com mais de 50 mil seguidores no Instagram –, ainda enfrentam dificuldades para se manterem financeiramente apenas com o trabalho desenvolvido pelo coletivo.

"Somos artistas independentes, pretos, LGBTQIA+. Muitos de nós só tem a arte como fonte de renda. Então, vivemos o contexto da pandemia com várias inseguranças. As redes sociais nos proporcionaram alguns trabalhos importantes para nossa manutenção", defende. Entre os trabalhos desenvolvidos pelo grupo durante o período estão a participação de programações culturais online, incluindo o projeto "IMS Convida", do Instituto Moreira Salles, cujas obras que foram criadas de casa,

respeitando o distanciamento social, se encontram disponíveis online no site do instituto. "Também começamos a realizar alguns trabalhos com marcas. É algo novo pra gente, mas que tem sido muito importante", enfatiza Alan. Agora o coletivo prepara o lançamento do seu mais novo projeto, o AfrobaphoLAB, com a proposta de promover um laboratório de artes integradas que vai contar com rodas de conversa sobre questões pertinentes à produção de artistas independentes negros e LGBTQIA+, workshops de dança, performance e música, apresentações musicais de artistas independentes de Salvador, dentre outras surpresas. O projeto será em formato digital e integra os projetos aprovados no Edital da Natura Musical 2019.

Foto: Ari Capela



Foto: Gabriel Oliveira



Foto: Everton Carvalho



#### **CANJERÊ**

#### As lives que alimentaram a nossa alma Canjerê

Equipe Casarão das Artes (textos e fotos)



Diante da pandemia, que infelizmente se arrasta muito além do que prevíamos e desejávamos, nos resta registrar por aqui as agendas que foram verdadeiros Canjerês em nossas almas.

Iniciamos por registrar as ações do Projeto Quilombos de Corpo e Alma, cujo empreendedor foi o artista plástico e membro do conselho editorial da nossa revista, Marcial Ávila. Ele também foi o facilitador das oficinas de criação de máscaras africanas.

O Projeto, patrocinado pela Lei Municipal de Incentivo à Cultura, que teve início do final de 2020 e encerrou-se em abril de 2021, consistiu no estudo e na criação de máscaras africanas.

A ação ocorreu em interface com os segmentos da dança e da música,

dois grandes potencializadores da criatividade presentes nos tradicionais festejos quilombolas.

Foi uma proposição da valorização da identidade de matriz africana, bem como uma oportunidade geradora de renda para os quilombos urbanos: Mangueiras e Manzo Ngunzo Kaiango. As oficinas contemplaram diretamente cinquenta pessoas das respectivas comunidades.

A luta e a resistência do povo quilombola na ocupação dos espaços urbanos em Minas Gerais é histórica. Em Belo Horizonte, os territórios conquistados por seus antepassados formam comunidades com vivências e aspectos culturais de grande diversidade e riqueza. A manutenção de seus territórios e de suas tradições perpetuam a existência das múltiplas manifestações da cultura afro-brasileira.

No dia 18 de marco de 2021, o bailarino, coreógrafo, ator e pesquisador em cultura afro-brasileira e africana Evandro Passos recebeu um convite da Rede Solear de Dança para uma live em que o tema foi a trajetória da bailarina e coreógrafa Marlene Silva. Evandro falou da Dança Afro como linguagem de palco que chegou por meio dessa ex-integrante do Balé Folclórico Mercedes Baptista, em meados dos anos 70. Pontuou principalmente as apresentações de Marlene Silva que aconteciam. inicialmente, dentro do sistema hegemônico em casas de espetáculos como o Palácio das Artes e o Teatro Francisco Nunes. Passos ressaltou que antes de abrir sua escola, Marlene Silva ministrou aulas em diversas academias de dança

de Belo Horizonte como a Academia Ana Pavlova, Studio Karits, Academia Internacional de Balé. Para o dançarino e pesquisador, a coreógrafa consolidou-se em BH num momento em que novas linguagens e códigos manifestavam-se e professavam-se em consonância com a emergência de novos valores no ideário da população negra gracas ao Movimento Negro Unificado. Marlene chegou a Belo Horizonte no período em que a população negra se mobilizava em termos de ações afirmativas as mais variadas: a adoção do penteado afro, a produção de audiovisuais, jornais e panfletos, a difusão de informações em feiras, sambas e locais públicos de dança e de encontro culturais nos quais a negritude estava presente, afirmou o pesquisador.



No dia 2 de maio, foi a vez de prestigiarmos o Festival Samba de Terreiro.

O Projeto Samba de Terreiro, criado pelo músico, dançarino, educador e agitador cultural mineiro Camilo Gan, tem como objetivo principal levar ao conhecimento da sociedade os elementos essenciais que originaram o samba: Reza do Corpo, Toques de Tambores, Improvisação Vocal e Interatividade. O FESTIVAL SAMBA DE TERREIRO reverencia a origem do samba, evidenciando a importância da

energia feminina para o surgimento e preservação desse gênero musical gerado primordialmente pela influência dos povos africanos Bantus vindos para o Brasil.

Presenças altamente potentes participaram do Festival como o pesquisador Marcos Cardoso, Dóris do Samba, a cantora Tamara Franklin, a umbandista Dayse de Yansâ, o pesquisador e radialista Carlinhos Visual, a culinarista Kelma Zenaíde entre outras.



Em 2021, a nossa comemoração do Dia da África – 25 de maio, organizada juntamente com o coletivo de DJs e produtores mineiros, o OHM Kollektiv – em sua segunda versão virtual, foi aceita como um dos eventos oficiais do Jazz Day 10. Trata-se de uma comemoração mundial de 10 anos de criação do Dia Internacional do Jazz da UNESCO e do Herbie Hancock Institute of Jazz (https://jazzday.com/).

Esse dia também representa e essência e a importância da expressão musical negra no universo diaspórico. O Jazz está diretamente relacionado a esse legado cultural de matriz africana.

Foi da Mãe África que vieram nossos ancestrais, em condições desumanas, e se estabeleceram em novas terras, trazendo-nos a força de suas tradições culturais, religiosas e sociais.

Você pode acessar os sets musicais organizados pelos DJs do **OHM Kollektiv** pelos links do flyer.



## O urbano e a cultura pelas lentes de Ricardo Laf

#### Samira Reis

Jornalista, modelo, mestranda em Comunicação pela UFMG, responsável pelo podcast Baú da Preta

Na infância, precisamente aos sete anos de idade, Ricardo saiu em busca da máquina fotográfica a pedido dos pais, a fim de registar uma celebração da família. O que aquela máquina era capaz de fazer? Eis que registros de planta, insetos, sombras foram captados até que Laf entregasse aos pais. No entanto, era um filme de apenas 24 poses, já esgotado pela criança curiosa. Tal lembrança marca o início de uma trajetória entre o jornalismo e a fotografia, construída de forma técnica e sobretudo, afetiva. "Entre os motivos que me fazem amar a fotografia estão a desobrigação de ter que dizer e a possibilidade de dizer o que não há como ser dito por meio de palavras", enfatiza ele.

Além dos registros de eventos que abrangem a cultura popular, a música, o teatro, a vida urbana também é constantemente capturada por Ricardo. Na plataforma digital Instagram, é possível contemplar as belezas da capital mineira e de outras preciosidades das suas andanças.

Por falar em redes digitais, a fotografia ganha novos contornos com a expansão de meios virtuais em que pessoas se expressam, principalmente por meio de imagens. Esse caminho tem a contribuição da mudança dos telefones celulares para smartphones. No mesmo aparelho, é possível conduzir a foto, preparar a imagem e reproduzi-la para o mundo. Nesse entremeio, Laf alerta para uma consequência pouco abordada a partir desses avanços: "A maioria das pessoas perdeu a vontade de imprimir fotografias, já que elas estão disponíveis a um toque em uma tela de smartphone. Essa perda de materialidade de uma fotografia, coloca sob risco a perda de milhares de fotos em razão de algum problema técnico no dispositivo que fotografa e armazena a foto", explica.

As ruas, os eventos eram parte da rotina de Ricardo, intensificada, por vezes, nos fins de semana. Com a Covid-19, o cenário mudou drasticamente: países fragilizados por mortes, a corrida pela vacina, desemprego, estagnação econômica, distanciamento social e máscaras.

Pouco antes dos primeiros registros da doenca no Brasil, no início de 2020, Laf chegava à Islândia. De lá, viveu a complexidade da situação e, sobretudo, do país de origem. "A ideia era ficar dois meses por lá, mas a pandemia se alastrou e acabei ficando preso por lá por quase 5 meses até encontrar um voo que me trouxesse de volta ao Brasil. Mas, à distância, acompanhava os desdobramentos da pandemia no Brasil, a inépcia de um governo que subestimou a seriedade da Covid-19 e ainda publicava declarações em tom de bravatas todos os dias, a cada contingente de mortos registrados. O que me surpreendeu foi que os islandeses sabiam também o que se passava no Brasil. Um dia, um deles me perguntou: "Como um presidente daquele pode governar um país do tamanho do Brasil?". A retomada para o Brasil foi de não esmorecer, apesar da situação calamitosa e um governo desarticulado diante dos problemas. Reconhece, diante da situação, o privilégio de trabalhar em casa. As saídas são para o estritamente essencial, sem descuidar dos protocolos sanitários. O desejo é de um retrato diferente e melhor para os brasileiros. "Uma fotografia que compreendesse, em sua composição, solidariedade, justiça e empatia, sem qualquer resquício do atual governo. Diante do que hoje vivemos, seria o melhor dos mundos", diz esperancoso. Ricardo Laf é o responsável pelo tratamento das fotos da Revista Canjerê.



## Projeto Respire oferece assistência jurídica voluntária para casos de racismo

#### Naiara Rodrigues

Jornalista e assessora de imprensa

O Respire – Advocacia Antirracista – oferece assistência jurídica gratuita para pessoas negras que sofrem injúrias ou ofensas por causa de sua cor. Desde quando foi criado, em agosto de 2020, o grupo de defensores já está à frente de 40 casos judiciais e sua atuação abrange os estados de Minas, Bahia e Distrito Federal. Carlos Augusto Santos, especialista em Direito Constitucional, é idealizador do projeto e conta que a ideia nasceu pautada por sua vivência enquanto homem negro e advogado que sempre quis atuar em prol de pessoas negras de forma voluntária, e tomou forma com o auxílio de amigos e colaboradores.

A atuação do projeto iniciou-se em meio ao movimento mundial pelas vidas negras desencadeado pela morte de George Floyd, nos EUA, em 2020. "Vemos um projeto como uma resposta a esse sufocamento causado pelo racismo, uma forma de respirar mesmo. O Direito não combate o racismo, até porque ele não é uma questão jurídica, mas o Direito é também uma ferramenta que podemos utilizar para tentar minimizar os efeitos dele no cotidiano, diminuir essa sensação de impunidade que nos acompanha em diversos setores da vida", afirma Carlos.

Atualmente, o grupo conta com 18 advogados de diversas especialidades como civil, penal, trabalhista, constitucional, entre outras, que têm em comum a luta contra o racismo. "Um dos objetivos do grupo é colaborar para a formação de uma jurisprudência que paute as questões raciais, que enxergue as questões raciais sob um novo viés. A gente entende

que essa discussão racial só será feita no judiciário, quando advogados começarem a levar teses para apreciação do judiciário", afirma Carlos.

Assim como na nossa sociedade, o racismo estrutural também se faz presente dentro de nosso sistema judiciário, "Precisamos entender que nenhuma opressão se sustenta sem o apoio do judiciário. Partindo dessa ideia, existem diversos desafios que se colocam na nossa atuação, no enfrentamento do racismo", ressalta Carlos. Entre os desafios está a baixa representatividade de negros no Judiciário. De acordo com o levantamento de Perfil Sociodemográfico dos Magistrados, realizado pelo Conse-Iho Nacional de Justica (CNJ), em 2018, apenas 18,1% dos juízes brasileiros se declaram pretos e pardos, sendo que apenas 6% são mulheres negras. "Fora essa questão da baixa representatividade, a gente ainda enfrenta uma cultura que tende a minimizar e banalizar os efeitos do racismo, pois, nem sempre, na verdade é muito raro, um magistrado branco olhar para certos casos e enxergar ali uma hipótese de racismo", destaca o idealizador do projeto.

Outra problemática apontada pelo defensor é a dificuldade técnica de aplicação do direito previsto para esses casos. "É muito rara uma sentença que condene alguém pelo crime de racismo, baseada na nossa lei de antirracismo. Ela é uma lei extremamente difícil de ser aplicada, assim como à de injúria racial, também prevista no nosso código penal, que acaba sendo desqualificada para injúria simples, na maioria dos casos, sobre diversos argumentos",



Foto: Diego Moreira

explica o advogado que indica a obra Racismo Recreativo, do professor Adilson Moreira, como uma leitura para se entender melhor a dificuldade no judiciário brasileiro de enfrentar casos de racismo. "Ele aborda como o judiciário enfrenta os argumentos trazidos pelos réus de que, muitas vezes, a injúria racial não tinha a intenção de ofender, mas tão somente de fazer uma piada, uma finalidade humorística e, por isso, acaba não caracterizando crime, já que um dos requisitos que caracterizam um crime de injúria é a intenção de ofender. Uma vez que não se tem intenção, juridicamente torna-se impossível subsumir o crime àquela hipótese", exemplifica o defensor.

Apesar da dificuldade de aplicabilidade das leis, Carlos enfatiza que é preciso denunciar o crime de racismo e seguir na luta pelo avanço do debate racial no judiciário. "Não podemos deixar que a nossa descrença no sistema se torne um obstáculo para que a gente leve nossas demandas e busque respostas a casos de violência como esse", conclui.

Para requerer a assistência jurídica do projeto, basta preencher o formulário que consta no Instagram

@respire.advocacia
e aguardar contato da equipe

## Edimilson de Almeida Pereira é um homem das Letras

#### Silvia Cristina Silvado

Jornalista formada pela Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), licenciada em Letras e pós-graduanda em Comunicação Pública

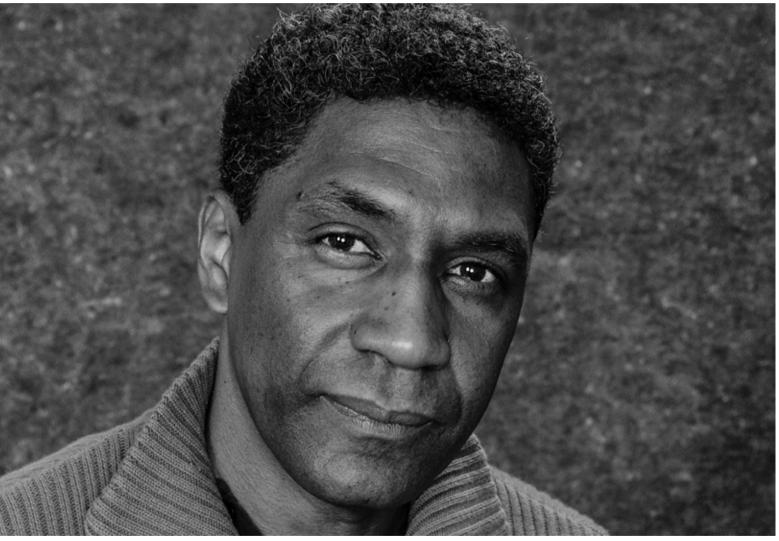


Foto: Carlos Mendonça

#### **Um homem das Letras**

Edimilson de Almeida Pereira é um homem das Letras: poeta, ensaísta, professor e pesquisador. Nascido em 18 de julho de 1963, esse mineiro de Juiz de Fora é um dos maiores nomes da literatura contemporânea. É graduado em Letras, especialista e mestre em Ciência da Religião pela Universidade Federal de Juiz de Fora.

Pesquisa a cultura e a religiosidade afro-brasileira. Também é mestre em Literatura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e doutor em Comunicação e Cultura por um convênio entre a UFJF e UFRJ. Completando o rico currículo acadêmico, é pós-doutor em Literatura Comparada pela Universidade de Zurique, na Suíça, além de professor titular de Literatura Brasileira na UFJF.

#### Colecionador de prêmios

O autor está entre os brasileiros mais premiados da literatura nacional. Sua coleção de prêmios começou em 1984, quando venceu o concurso de contos "Palavra/Vivani" em sua cidade natal. No ano seguinte, foi o primeiro colocado no "Concurso Nacional de Literatura Editora UFMG" na categoria poesia.

No ano seguinte, foi intensamente premiado. Venceu o "Prêmio João Ribeiro", da Academia Brasileira de Letras, pela publicação de "Mundo Encaixado: significação da cultura popular" (em co-autoria com a professora Núbia Pereira de Magalhães Gomes/UFJF).

fessora Núbia Pereira de Magalhães Gomes/UFJF). Também em 1994, e em uma parceria com a professora Núbia Pereira de Magalhães, da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), venceu o prêmio "Dr. Antônio Procópio de Andrade Teixeira", oferecido pela UFJF, pelo conjunto de quatro livros publicados no projeto "Minas e Mineiros". Ainda nesse ano, recebeu o prêmio "Marc Ferrez", conferido pela FUNARTE/RJ, pelo projeto de ensaio fotográfico e textos intitulado "Filhos do Rosário em nome do Pai", também em parceria com a professora Núbia.

Em 1997, o autor e a professora vencem o "Concurso Sílvio Romero de Monografias sobre Folclore e Cultura Popular "/FUNARTE/RJ devido ao trabalho "Os tambores estão frios: estudo sobre a tradição banto no ritual de Candomblé em Minas Gerais". Em 1998, conquistou o primeiro lugar no "Concurso Nacional de Poesia Helena Kolody", promovido pela Secretaria Estadual de Cultura do Paraná e o "Concurso Nacional de Poesia Cidade de Belo Horizonte", da Secretaria Municipal de Cultura.

Em 2002, venceu o "Concurso Sílvio Romero/FU-NARTE/Centro Nacional de Folclore Popular-RJ" com a monografia "A saliva da fala: notas sobre a poética banto-católica do Congado".

Em 2004, foi o vencedor do "Prêmio Vivaldi Moreira" na categoria "ensaio" com o texto "Os Signos dos Ancestrais: significado sócio-cultural do candomblé em Minas Gerais".

#### A beleza do engajamento sutil

Não há espaço nesta publicação para nomear a quantidade de trabalhos do autor, pois sua obra é abundante, com uma extensa lista de artigos e livros publicados desde seus 22 anos de idade, quando estreou no mundo literário com o volume de poemas "Dormundo". O autor passeia pela poesia, prosa, crítica e faz produções de cunho etnográfico, resultado de pesquisas de campo voltadas a compreender a produção cultural surgida da diáspora africana no

Sua obra, apesar da beleza estética, não se resume à função lúdica. Ele é poeta e acadêmico, e tem o dom de unir universos aparentemente distintos. Apesar da grandeza e pompa de ser um autor de envergadura elevada na cultura nacional, um dos mais importantes autores da literatura contemporânea, é uma pessoa gentil e cortês que nasceu entre trabalhadores e cursou a escola pública, instituição que ele diz ter sido essencial na contribuição para seu amor pelas letras. "Não há um momento específico que marcou essa minha aproximação à literatura. A soma de vários acontecimentos na vida de uma criança nascida em bairro de trabalhadores é que foi criando as condições para essa experiência. Não há dúvidas, no entanto, de que minha entrada e permanência na escola pública foi um dos fatores decisivos para a descoberta da escrita, dos livros e do universo que podemos acessar através deles", comenta o autor.

Sua obra também apresenta uma simbiose entre aquilo que é belo e ao mesmo tempo comprometido com questões sociais, sem estereótipos, sem lugares-comuns. Questionado sobre o papel da literatura nas questões sociais, ele diz que esse é um tema complexo, mas afirma que ela proporciona a liberdade de vivermos o nosso imaginário.

"Creio que a literatura pode também – mas não somente – desempenhar um papel na análise das questões sociais. Ela nasce de uma estrutura histórico--social, considerando a biografia dos seus autores

18 - REVISTA CANJERÊ REVISTA CANJERÊ - 19

e autoras, e da aplicação prática da linguagem em nossa comunicação. Isso já demonstra uma interferência da literatura no real. Porém, penso desde outra perspectiva: se a linguagem é um mecanismo relativo de abordagem do real (ou seja, o que dizemos ou escrevemos não é, de fato, o que foi vivido), há nela uma série de frestas que nos permitem simular outras dimensões de sentimento e de realidade. Essa invenção de outros mundos é, para mim, uma forma radical de vivermos o nosso imaginário e, consequentemente, o nosso desejo de liberdade".

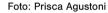
Sobre essa liberdade, há de se pontuar que ela aflora quando o autor cria mundos imaginários, porém pautados no real. Com personagens irreais na existência, mas reais na verossimilhanca, com suas complexidades tão humanas, o autor desenha com suas mãos que tão bem tecem as palavras, outras possibilidades de mundo. "Particularmente, penso a escrita literária como uma possibilidade de ver por outros ângulos o mundo em que vivemos. E, além disso, como um desafio para criarmos outras lógicas de mundo. Isso implica dizer que valorizo as contradições, as ambiguidades, as tensões, as rupturas, as disjunções e a polissemia características de uma personagem verossímil. Ou seja, o eu da minha escrita pode até ser, caso desejemos, uma realidade, embora este não seja um caminho obrigatório para a leitura do que escrevo".

Sobre o papel de sua obra para as questões sociais. ele enfatiza que o saber produzido depende de seus interlocutores para gerar efeito e que sua contribuição reside na proposição de reflexão e diálogo. "A literatura é um saber compartilhado e depende de inúmeros fatores para que os seus significados possam aflorar. É na troca com o(a)s leitores(a)s e com os contextos histórico-sociais - em transformação que temos a oportunidade de saber se aquilo que escrevemos tem uma certa importância ou não. Entendo que se há uma contribuição de minha parte, ela reside na tentativa de instaurar um diálogo com as pessoas e com a sociedade na defesa dos direitos humanos, das outras formas de vida e da liberdade de expressão, bem como no combate à violência e a todo tipo de discriminação", reflete Edimilson.

Sobre a importância de sua obra para a visibilidade negra, ele reflete: "Tenho pensado e escrito sobre as várias dimensões das culturas negras no território da diáspora africana. Esse é um tema que interage com outros que me ocupam como sujeito de um processo histórico abrangente. O tempo, que é um bom fazedor de antologias (como diz o poeta lacyr Anderson Freitas) tem participação efetiva na construção do significado das obras que escrevemos.

Esse aspecto e o diálogo com outras pessoas - junto das quais tento compreender as nossas histórias - é que vão dizer se há espessura ou não no trabalho que venho realizando", completa o autor.

Edmilson, que caminha entre mundos diversos, escreve para adultos e criancas e lancou, em novembro de 2021, "O Ausente", pela Relicário Edicões, romance ambientado na paisagem rural. Ausente é o nome da região onde vive Inocêncio, personagem que narra a trama, mas, às vezes, assume o papel de espectador em paralelo com os diferentes ângulos que experimentamos na vida. O romance une a sabedoria tradicional (Inocêncio é curandeiro) e o conhecimento acadêmico, mostrando ao mundo a união que habita dentro do próprio autor.







20 - REVISTA CANJERÊ **REVISTA CANJERÊ - 21** 

## Com conceito próprio, a Aya Acessórios mostra como vender semijoias e gerar conexões a partir da identidade do negócio

#### Sandrinha Flávia

Jornalista, locutora e apresentadora

Semijoias únicas e atemporais desenvolvidas com desenhos e cortes próprios, além de peças em tecidos africanos, associadas ao couro, pedras naturais e acessórios do fundo do mar como búzios e conchas – essas são as matérias primas que ajudam a formar o conceito da AYA Acessórios, uma marca que traz em seu nome referências da cultura africana e a força ancestral de mãe e filha como sócias. Em 2015, as criadoras da empresa, Joana Darc Silva, 63 anos, e Vitória de Paula Silva (mais conhecida por Vick), 28 anos, perceberem que o mercado da moda afro estava muito voltado para cabelo e roupas. Faltavam os acessórios.

Foi assim que nasceu a AYA Acessórios com o propósito de vestir as pessoas acompanhando o movimento da construção da identidade com peças que remetem à afrobrasilidade.

O nome AYA parte de um conjunto de ideogramas chamados Adinkra, símbolos que transmitem ideias, representam provérbios, preservam e transmitem valores do povo akan, que habitava as regiões que hoje compreendem os países de Gana e Costa do Marfim. O símbolo chamado AYA é representado por uma samambaia, planta antiga capaz de vingar em ambientes adversos. Essa simbologia está relacionada à resistência, perseverança, desenvoltura,





autonomia e prosperidade de recursos.

No início da empresa, Vitória fazia faculdade de química industrial, mas migrou para Gestão Pública. Já Joana é formada em Contabilidade e foi gestora de produção. Atuou como manequim por alguns anos. "Esses anos de atuação na moda significam um diferencial na nossa forma de ver o negócio", relataram. Com o ateliê criado em sua própria residência, num espaço pensado especialmente para a produção das peças, as sócias se dividem entre o profissional e a vida familiar. Vick fica na parte de sucesso do cliente, mídias sociais, branding e logística; já Joana atua com a produção, busca de fornecedores e no setor financeiro. Quem acompanha a marca percebe o afeto e identidade de mãe e filha manifestados em vários momentos, inclusive nas peças.

Como as peças são únicas e atemporais, as coleções desenvolvidas pelas empresárias fogem de clichês como estação, gênero ou datas específicas. Um exemplo é a coleção Crioula, pensada a partir dos formatos e significados das Jóias de Crioula, que são o marco inicial da joalheria nacional.

Nesse período de pandemia, as vendas presenciais, por meio de revendedoras e feiras, foram reduzidas. Mas para compensar, Vick e Joana intensificaram as entregas via Correios e pontos de encontros.

Novidades chegando

De acordo com as empresárias, a pandemia se tornou um momento de aproximação com os clientes gerando uma troca de diálogos. Surgiu, então, a necessidade de reformular a marca e trazer a identidade e a qualidade AYA para outros produtos. E, diante disso, a partir do mês de junho, a Aya Acessórios contemplará também o conceito estético que traduz as negritudes e as experiências diaspóricas.

Sigam o perfil no instagram para acompanhar as novidades @useayaoficial.



Foto: Leo Kesley



#### **ÁFRICA**

### Civilizações negras ao sul do Saara: O império do Ghana (300-1075)

#### **Marcos Antônio Cardoso**

Militante do Movimento Negro, filósofo e mestre em História Social pela UFMG. Professor de cursos livres de introdução à História da África.

Com a ocupação do norte da África pelos árabes por volta do século VII, os impérios foram formados baseados na expansão da cultura do mundo árabe: imposição de uma verdade religiosa - o Islã, e a economia através do modo de produção árabe, gerando uma política de dominação. Ao contrário, na África ao sul do Saara ocorreu outro processo, inédito, em que os diversos povos africanos dos territórios circunvizinhos especializaram-se em funções produtivas como a agricultura, caça, pesca, pastoreio e metalurgia; e as etnias autóctones proprietárias da terra dividiam o governo político e militar com os grupos étnicos que chegavam, gerando uma política de cooperação.

Foram muitos os reinos e os impérios na dinâmica civilizatória africana que se ergueram como construcões político-sociais fundadas na cosmovisão africana. Entre eles, destacamos o Gana, o Mali e Songhai porque constituíram uma continuidade de resistência à dominação árabe na África Ocidental.

Ghana é a primeira grande reação ao processo de islamização africana que se iniciou no séc. VII com a união de várias etnias para formar o império negro africano que aflorou apenas no séc. X. Surgiu num lugar privilegiado, ponto principal da travessia do Saara em direção ao Sul da África, cuja localização é estratégica para o controle de importantes rotas comerciais e que definem o comércio entre o Norte e o Sul do continente.

Os **Soninke** eram o grupo étnico majoritário de Ghana que chamavam sua terra de Waqaduqu ou Waqadu (país dos rebanhos). O nome Ghana é o título do rei que governava aquele império e significa o "Senhor do Ouro". O Estado de Soninke era forte e seu rei controlava 200.000 soldados, 40.000 dos quais arqueiros que protegem as rotas de comércio de Ghana. O poder do rei de Ghana provém do monopólio da enorme quantidade de ouro produzida em seu reino. Essa riqueza permitiu aos habitantes de Soninke construir e manter cidades, além da capital de Ghana. Kumbi Saleh, com população entre 15.000 e 20.000 habitantes. Os soninke também usaram sua riqueza para desenvolver outras atividades econômicas, tais como a tecelagem, a ferraria e a produção agrícola. A localização privilegiada na faixa do Sahel ofereceu





as condições para o desenvolvimento da agricultura e do pastoreio como, por exemplo, a forte produção especializada de cereais. O Sahel, do árabe, significa "costa" ou "fronteira", é uma faixa ecoclimática e biogeográfica de transição na África entre o Saara ao Norte e a savana sudanesa ao Sul, com 500 a 700 km de largura em média, e 5.400 km de extensão, entre o oceano Atlântico, a Oeste, e o mar Vermelho, a Leste, verdadeira rota transaariana de transporte de mercadorias via caravana de camelos pelo Saara.

Os Ashanti, assim como os Fanti, são os grupos étnicos mais conhecidos do complexo cultural dos povos **Akan** que abrange diversos outros grupos localizados em Ghana, Costa do Marfim e Togo, na África Ocidental. Os ashanti ocupam a região centro sul do atual

território de Gana e estão organizados numa confederação de estados, sendo que cada estado é dirigido por um chefe supremo, que por sua vez é subordinado ao rei (Ashantehene).

O tráfico transatlântico de escravizados é responsável pela presenca dos ashanti no Brasil. Verificamos isso por meio da autodenominação do terreiro Fanti-Ashanti lá e agui. Sobretudo, destacamos a presença dos ashanti em Minas Gerais com a tecnologia africana na extração do ouro e engenharia de minas em Ouro Preto, Nova Lima e ou por meio dos ideogramas adinkra dos akās encontrados no casario colonial de Ouro Preto.

Foto: Afrikaniagh



24 - REVISTA CANJERÊ REVISTA CANJERÊ - 25

### Representatividade Afro em mobiliário

#### **Matheus Ramos**

Matheus Ramos - Mestre em Design pela Universidade do Estado de Minas Gerais. Estuda as relações entre os artefatos industriais e as culturas afro-brasileiras, design de móveis, artesanato autóctone.

Ao depararmos com a hegemonia simbólica, em nosso cotidiano, dos artefatos concebidos sobre a percepção do branco e sua cosmovisão europeia/norte-americana, percebemos que há alguma coisa de errado uma vez que no Brasil a maioria da população é negra. São inúmeros produtos criados, na maioria das vezes, por brancos sob olhares limitantes da cultura hegemônica incapazes de incluir diversidades culturais simbólicas e a pluralidade racial nas equipes de criação.

Em minha dissertação de mestrado **Design, Socieda-de e Pluralidade** (2021), sob a orientação da estimada professora, doutora Rita A. C. Ribeiro, foi possível verificar no mercado brasileiro a carência de móveis afro-centrados da mesma forma que profissionais negros atuando na área. Dado o cenário desnivelado, surgiu o projeto Olulá.

**Representatividade** – montar uma equipe plurirracial e diversificada foi essencial para o desenvolvimento do projeto. Vamos apresentar os integrantes:

Equipe do projeto Olulá. Da esquerda para a direita: Matheus Ramos, Alexandra Loras e Raniel Bento. Foto: Equipe Olula

Alexandra Loras – palestrante, executiva, comunicadora, mentora, consultora e ex-consulesa da França em São Paulo. Voz expoente da atual sociedade brasileira na luta antirracista, Loras é uma investigadora dos efeitos do design como medida de equiparação étnico-racial. Com uma atuação histórica no campo da moda, ela afirma como o design é potencialmente transformador.

Matheus Ramos – designer de móveis e pesquisador que possui amplo conhecimento teórico e prático sobre o design afro-centrado e afro-brasileiro. Atualmente é parceiro da empresa América Móveis e, em 2017, lançou no mercado a poltrona Alaká, mobiliário conceituado dentro do design afro que intercalou produção artesanal autóctone de Salvador com a produção da indústria de móveis.

Raniel Bento – formado em Design (2016, UFMG). Possui o Tubbie Mobile, projeto que enfatiza móveis sustentáveis. Atua como Arteducador e é autor de material didático do Bernoulli Sistema de Ensino. Com suas origens em comunidades periféricas do Rio e de BH, busca na Arte e no Design o caráter transformador e a possibilidade de dar visibilidade às causas socioculturais e ambientais.



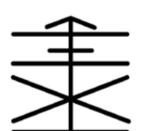
**Design afro-brasileiro** – Baseado em Santos (2009), podemos afirmar que os artefatos produzidos pelo design afro-centrado incorporam um poder mítico e simbólico que não representam apenas o seu uso, mas que estão penetrados de significados que traduzem o sentimento de pertencimento de culturas transcendentes de obstáculos e preservadoras de suas essências.

Esses objetos, quando bem feitos, carregam a memória cultural de pretas e pretos e suas tradições culturais, o que os tornam um veículo do resgate da autoestima e da identidade racial. Isso é possível, pois não é somente nós que configuramos o meio externo em que vivemos, os próprios ambientes com seus artefatos possuem o poder de modular nossos comportamentos.

Portanto, isso é tão importante para que os móveis nas casas possam alimentar simbolicamente os espaços com elementos que sejam diversos da universalidade cultural dos brancos e se aproximem de outras fontes étnico-culturais, configurando ambientes que dialoguem mais com a diversidade racial que existe no Brasil.

Sobre o nome do projeto, a palavra olulá significa pequena família que, de acordo com Schoenbrun (1999) remete aos dialetos de matriz bantu usados na África Subsaariana anterior à formação dos estados-nações. Entre vários desenhos de móveis, o carro chefe que escolhemos foi uma mesa lateral conceituada sob a perspectiva simbólica das religiões afro-brasileiras.

As religiões de matriz africana no Brasil foram historicamente instituições de resistência contra a opressão e o racismo. Graças a elas muitas memórias culturais de africanos trazidos ao Brasil forçadamente foram preservadas mantendo, assim, diversos elementos culturais das tradições originárias da África como, por exemplo, o culto às divindades Exú e Xangô que são representadas e valorizadas em nosso design (preciso enfatizar que sendo umbandista possuo uma enorme satisfação em homenagear os Orixás com este projeto)





Da esquerda para a direita, desenhos do pictograma de Exú e do machado de Xangô. Fonte: Equipe Olulá

As pernas da mesa foram baseadas em traços retos que se encontram em um eixo central como no pictograma do Orixá Exú e o tampo carrega o desenho de um machado de duas faces, instrumento do Orixá Xangô, e as opções de cores preta e vermelha para a mesa estão associadas aos dois Orixás.

As opções de madeiras escolhidas foram duas de reflorestamento, o eucalipto produzido aqui no Brasil e o mogno produzido na África.

O resultado até o momento é um projeto carregado de valores antirracistas, desde o corpo dos autores que o contemplam até o projeto final que representa um design afro-brasileiro carregado de memórias culturais africanas e que dialoga com a população brasileira e o desejo de existir maior equidade racial. Esperamos que o lançamento da mesa Olulá represente uma nova janela no mercado de móveis no Brasil e que ela possa permanecer aberta e incluir mais protagonistas interessados em resgatar nossa africanidade e em valorizar os profissionais negros e o design afro-brasileiro.



NOTA: A mesa lateral Olulá encontra em fase de prototipagem e negociação com um renomado fabricante de móveis de Minas Gerais. Um protótipo inicial da mesa saiu na revista de decoração Westwing (2020) em matéria especial com Alexandra Loras.

Para entender mais sobre a relação entre indivíduos e objetos, é recomendável ler as seguintes obras: Objetos de Desejo (2007), de Adrian Forty; O Mundo Codificado (2007), de Vilém Flusser; Trecos, Troços e Coisas (2013), de Daniel Miller.

#### **REFERÊNCIAS:**

**HELLER**, A. Memória cultural, identidad y sociedad civil. Indaga, Espanha, p. 5-17, 2003.

SANTOS, N. A. D. Pano da Costa ou Alaká. In: IPAC Pano da Costa: Cadernos do IPAC 1. 1. ed. Salvador: IPAC; Fundação Pedro Calmon, v. I, 2009. p. 17-28.

**SCHOENBRUN**, D. L. The (In)Visible Roots of Bunyoro-Kitara and Buganda in the Lakes Region: 8001300. In: (ED.), S. K. M. Beyond Chiefdoms: Pathways to Complexity in Africa. Cambridge: Cambridge University Press, 1999. Cap. 11, p. 136-150.

26 - REVISTA CANJERÊ REVISTA CANJERÊ - 27

#### **CULTURA - LITERATURA**

### Isidoro um Homem de Quilate!

#### Marcial Ávila

Artista plástico, poeta, membro do conselho editorial da Revista Canjerê

O som de tiros ecoou pelas serras diamantinas. Fez estremecer os mais distantes lugarejos.

Os corações se fizeram aflitos,

tanto dos quilombolas ocultos nas entranhas do espinhaço, quanto dos brancos que ostentavam títulos de nobreza.

Muitos mais tiros ribombaram nas brenhas... e o silêncio após.

O Arraial do Tejuco contrito, mal respirava aguardando o porta voz:

- Sim, prenderam Isidoro!
- Prenderam Isidoro?

E lá veio ele arrastado pelos becos e vielas sob os olhares orgulhosos dos seus algozes.

Foi açoitado, martirizado em praça pública.

- Morre, negro maldito! Gritava a soldadesca.
- Vive, Isidoro, pelo amor de Deus!

No entorno, preces confusas subiam aos céus. E velas foram acesas em oratórios particulares, uns pediam vida, outros morte para ele. Afinal, muitos destinos estavam nas mãos amarradas de Isidoro.

Seus olhos, mesmo que embaçados pela dor, ainda podiam ver através das treliças, velhos amigos de negócios ocultos nas sombras.

Ninguém ousou defendê-lo.

Detrás dos arvoredos, rostos negros como o seu choravam pela sua dor.

Apenas em pensamentos diziam...

- Ele é inocente,
- Deus o acuda!
- Valha, Nossa Senhora do Rosário, mãe dos pretos!
- Fala, escravo galé!
- Entrega de uma vez!
- Com quem contrabandeava as pedras?

Mas nem uma palavra,

Nem uma palavra saía dos seus lábios ensanguentados.

- De quem eram os diamantes?
- Com quem os negociava?

Ele sabia de onde vinham os calhaus, os tirou com as mãos, dos grotões da serra e das veias dos rios.

Se a terra teve a confiança de entregar a ele as mais belas pedras...

- Eram seus!
- Os diamantes eram seus, não os roubou de ninguém.

Era um homem honrado. Podiam ter escravizado seu corpo, mas nunca sua alma.

Ninguém tiraria seu título. Ele era o maior batedor dos sertões, tinha faro pras riquezas, era o senhor dos diamantes!

E na sua honradez, não delatou ninguém.

Nem brancos nem pretos, Nem justos nem ímpios.

E mais chicotada!

- Morreu Isidoro!
- Morreu Isidoro?

Morreu o inocente,

levou consigo muitos segredos do Tejuco.

Com ele muitos perderam o lucro fácil. Outros tantos respiraram aliviados.

Mas muitos que foram libertos por ele prantearam sua morte.

Negros cativos ou forros das mais diversas línguas e crenças, se uniram em oração.

Todos os sinos repicavam uníssonos em agonia,

Talvez chorassem as lágrimas que não caíram dos olhos dele.

Parece que aquele burgo se tornou em instantes uma imensa irmandade cristã.

Mal sepultaram seu corpo no burgalhau, Ouviram gargalhadas na serra. Na serra do Isidoro!

Ele era novamente livre, como sempre o foi em seu coração.

Mas muitas almas do tijuco se tornaram cativas, Sob o julgo dele.

Sobre seus tesouros enterrados, ele gargalhava.

Com olhos despertos, podia ver a ganância pairando sobre o arraial.

Ri, Isidoro! Ri, Isidoro!

De quem será sua fortuna enterrada? Quem herdará sua estrela?

E depois dele, mais ninguém...
Ninguém teve seu faro pra diamantes, sua sabedoria.

Ele entendia da terra, sabia onde procurar.

- Isidoro, o mártir.
- O mártir?
- Não! Não!
- O escravo Isidoro?
- Não!

O homem honrado de coração nobre, Que tinha alma livre!

Que não morreu como delator e não traiu a confiança dos seus.

Levou a verdade trancada em seu coração flagelado. Ele foi o maior garimpeiro das gerais.

Senhor do distrito diamantino. Virou intocável, virou lenda, é imortal!

Dizem que ainda hoje anda pelo beco.

O Beco do Isidoro!

Que tem poder de manipular as almas gananciosas que ambicionam seus tesouros enterrados.

E até lhes aponta falsos caminhos.

Mas ele sempre soube onde estavam os diamantes.

Sempre soube! Afinal ele era Isidoro, O grande garimpeiro, o maior!

Aquele que com diamantes libertou corpos e almas do seus iguais.

Um homem nobre, um homem de quilate! Isidoro!



Ilustração: Marcial Ávila

#### **CULTURA - CINEMA**

## E se essa mulher fosse de outra cor? Confabulações de uma sociedade dicotômica no filme Ditadura Roxa

#### **Denilson Tourinho**

Ator, mestre em Educação. Idealizador e curador do Prêmio Leda Maria Martins



Fotos: Divulgação (frame do filme)

Lançado em 2020, Ditadura Roxa é um curta-metragem que tem sido exibido em programações cinematográficas, nacionais e internacionais e alçado notoriedade como os prêmios de Melhor Atriz para Meibe Rodrigues pelo "Festivou Audiovisual Independente Brasileiro" (BR) e "Garoa Awards" (BR). Rodrigues vivencia Yeda, personagem que conduz a trama, retrata uma sociedade segregada, na qual o status social é estruturalmente estabelecido por "marca" (\*), cor. Nesse ponto de vista, Yeda é uma mulher verde Que mantem a casa com a produção de alimentos caseiros, ao mesmo tempo em que cuida do marido adoentado.

Em 23 minutos, o filme apresenta um mundo sob o signo dos cidadãos privilegiados e dos desfavorecidos, respectivamente roxos e verdes, assim como imprime a remota possibilidade de promoção social de pessoa verde para a cor que tem lugar de favorecido. Mas a consciência e desejo de cidadão verde seria tornar-se roxo ou tornar "ex-tinta", a diferença entre privilegiado e desfavorecido?

Ditadura Roxa reconfigura tensões acerca de raça e classe, gera fricção numa bifurcação da diversidade social, negrita um sistema fictício repleto de realismo e o resultado parece ser um convite para contemplar a distinta trajetória artística de Meibe Rodrigues, por meio de sua marcante Yeda.

O campo das artes em Minas Gerais segue semeando boas safras e, nos últimos anos, a sua produção de cinema tem rendido frutíferos destaques.

Que seja longa a trajetória desse curta que daria um longa.

(\*) Alusão à proposição "preconceito de marca" de Oracy Nogueira.

#### **CULTURA - Teatro**

#### O Instante Mágico

#### Carlandréia Ribeiro

Atriz, arte-educadora, produtora cultural e artivista

É do trabalho árduo, mas sobretudo prazeroso, que nasce a cena.

Árduo porque desde a fração do milésimo rompante do nascimento da ideia que passa em velocidade pela mente do artista até o ansiado dia da estreia, cada detalhe demanda extrema dedicação.

O mote pode vir de lugares inusitados.

Da mais banal situação cotidiana, à mais complexa urdidura de mensagens.

O texto teatral, visto como meio de transmissão do desejo, pode nos contar da vida mais ordinária, como pode ser o vetor das mais graves e brutais denúncias. A partir dele, pode-se provocar ruídos que a sociedade talvez não almeje ver e escutar.

Não à toa, em momentos em que sociedades se inclinam ao fascismo, os atores, as artes e os artistas são os primeiros a sofrerem tentativas de silenciamento.

Uma sociedade em que os poderosos temem a cultura está terrivelmente ameaçada.

O teatro é o instante mágico onde fantasia e realidade ocupam o mesmo espaço de grandeza.

Espaço onde a vida vivível se instaura enquanto jogo - too play!

E do árduo se faz o prazer, o gozo coletivo entre atores e espectadores.

É a manifestação do sagrado - Evoé Baco!

Finalmente, o abrir das cortinas, o frisson nas coxias, a luz, os músculos aquecidos, o frio na barriga, o burburinho da entrada do público, o terceiro sinal...

Silêncio... Cest Magic! Merda!

> O instante mágico estabelecido enquanto rito.

Cerimônia em que o riso e a dor, o solene e o onírico acontecem em minutos de absoluta entrega. Uma força que pode mover mundos inteiros. Toda essa magia, todo o rito ficou em suspensão com a necessidade de isolamento imposto pela pandemia.

Nunca a frase "teatro é presença" fez tanto sentido em nossas vidas.

Pode-se reinventar os meios, apresentações no mundo virtual, mil plataformas, mas nada poderá substituir o calor da presença, da respiração compartilhada dentro do teatro.

O direito à presença clama por vacinas para todos.

O direito à fruição artística é um Direito Humano.

Viva o Teatro!

Foto: Divulgação



## Notícias Noticias

Equipe Casarão das Artes

### Patrimônio Imaterial



O primeiro passo para o reconhecimento dos Reinados e Congados de Minas Gerais como patrimônio cultural imaterial do Estado foi dado pelo Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico (IEPHA-MG).

Atendendo a pedidos das comunidades congadeiras, prefeituras, pesquisadores e associação da sociedade civil, o instituto está fazendo o cadastramento de grupos de Congados e Reinados de Minas Gerais na busca de assegurar a importância para este bem cultural ímpar da identidade e cultura dos mineiros. O mapeamento tem como objetivo identificar a localização, as formas de organização, a diversidade de cargos e funções, as indumentárias, instrumentos musicais, calendários festivos, dentre outros, bem como levantar informações sobre as dificuldades relacionadas à manutenção dos grupos visando a salvaguarda desse bem cultural. Para participar do cadastro, os grupos deverão preencher um formulário on-line disponível no site www.iepha.mg.gov.br.

#### Ismael Ivo

São imensuráveis as perdas que a Covid-19 tem feito no mundo.

Entre as vítimas da doença está o bailarino, diretor e coreógrafo Ismael Ivo, que faleceu em abril de 2021, aos 66 anos de idade. O artista, nascido na Vila Ema, em São Paulo, marcou o cenário da danca

contemporânea nacional e internacional, trabalhou por mais de 30 anos no exterior, tendo se consagrado como curador e diretor na Bienal de Veneza e como diretor da Companhia de Dança do Teatro Nacional Alemão. Ivo se encontrava na direção artística do Balé da Cidade de

ernacional, São Paulo desde 2017, sendo o primeiro negro a ocupar o cargo. Em sua homeno curador nagem, o Governo de São Paulo criará a SP Escola de Dança Ismael Ivo, na qual o bailarino estava à frente dos projetos de sua concepção.

A nova instituição irá oferecer formação

técnica e artística com foco 100% na formação e na capacitação de profissionais em coreografia e performance. Com previsão para início das atividades no começo de 2022, a escola terá cursos regulares na área de dança para 400 alunos e de extensão para cerca 1,5 mil. A sede será no terceiro andar do Complexo Júlio Prestes, localizado no centro de São Paulo.

As obras, que já foram iniciadas, terão um custo total de R\$3,5 milhões.

#### Intercâmbio Cultural

O Palco Hip Hop é um dos principais festivais que agrega diferentes linguagens artísticas da cultura Hip Hop no país. Em 2021, celebra seus 10 anos e, ao longo de sua história, reuniu nomes de destaque nacional e internacional. Um deles é o da artista francesa Daybe Dee, uma das mais respeitadas dançarinas, coreógrafas e DJs no mundo que integrou a programação do



evento em 2019 com uma apresentação artística, bate-papo, discotecagem e workshop de Hip Hop dance 90. A vinda da artista para o país foi viabilizada pela Embaixada Francesa, em Belo Horizonte, parceira da edição do evento, que apoia diversas iniciativas que permitem o intercâmbio cultural entre Brasil e França. "Possibilitar o intercâmbio cultural com uma

artista francesa como a Day Dee é muito rico para o projeto. Um público, em sua grande maioria de pessoas negras, periféricas, tem poucas oportunidades de participar de intercâmbios, dentro da programação gratuita do festival, de contactar artistas internacionais para poder trocar ideias, realizar workshop, bater papo. Ter uma discotecagem da Daybee, mais uma apresentação da artista no festival a preço popular é de extrema relevância para a cultura dos dois países", celebra Victor Magalhães, gestor e produtor cultural, coordenador geral Palco Hip Hop. Durante a pandemia, o festival segue movimentando a cena com programações virtuais. Mais informações e programação estão disponíveis em: fb.com/palcohiphop.

### Cinema negro em cartaz

Em abril, foi realizada a primeira edição da Semana de Cinema Negro de Belo Horizonte. O festival tem o objetivo divulgar e discutir filmes de realizadores negros históricos e



contemporâneos, contribuindo para solidificar a identidade negra e incentivar o intercâmbio cultural Brasil--África. Em sua estreia, o evento apresentou um conjunto composto por 50 filmes de cinematografias negras brasileiras, africanas e da diáspora, distribuídos em 3 mostras e 2 homenagens, sendo as homenageadas a atriz Maria José Novais Oliveira, e a poeta e cineasta Sarah Maldoror. As sessões fílmicas foram disponibilizadas gratuitamente de forma on-line na plataforma TodesPlay. Gerida pela APAN - Associação do Audiovisual Negro -. a plataforma global de filmes, séries e programas busca contribuir com a equidade de gênero e raça na construção de um mercado audiovisual mais diverso e representativo, evidenciando as relações entre o conteúdo e quem o realizou. Ela conta com catálogos de filmes gratuitos com o propósito de garantir a acessibilidade aos conteúdos, sendo aberta para assinantes que possam colaborar com o projeto de difusão de produções de realizadores negros de todas as regiões do Brasil e exterior. A plataforma está disponível no site:

todesplay.com.br.





Foto: Lucas Halle

#### Música Mundo

O Música Mundo chegou à sua sexta edição se reinventando em 2021 com sua primeira versão totalmente digital. O evento é uma das principais plataformas de música e negócios do país e neste ano ampliou sua atuação e suporte no desenvolvimento de carreiras e da cadeia produtiva da música. Com atividades gratuitas, e um edital para ampliar acesso à formação para artistas, agentes e casas de show, a programação apresentou, entre janeiro e maio, cursos e entrevistas (Música Mundo Conecta), um programa de aceleração para artistas e agentes da música (Programa Inspire) e um programa web de sessions musicais (MM Sessions). Uma das atrações, Sandrinha Flávia, jornalista, apresentadora, locutora e integrante da Revista Canjerê, entrevistou a cantora Tamara Franklin, expoente da música brasileira atual, e a sua produtora Winy Mangabeira. O bate-papo trouxe temas como a representação da mulher no hip hop, a música como forma de militância, a mulher na cena musical independente, o papel da gestão administrativa e jurídica e o marketing digital como forma de expansão.

Essa e outras conversas da programação do evento podem ser vistas no canal: youtube.com/musicamundo.

#### 1º Congresso Nacional de Jornalistas Negras e Negros

O Coletivo Lena Santos realizou, entre os dias 14 e 16 de maio, o 1º Congresso Nacional de Jornalistas Negras e Negros. O encontro foi uma oportunidade para profissionais de comunicação e, principalmente, do jornalismo brasileiro refletirem sobre a presença, participação e desafios dos profissionais negros nas redações espalhadas pelo Brasil. Com a participação de personalidades como Manoel Soares (Rede Globo), Flávia Oliveira (O Globo/ CBN/GloboNews), Flavia Lima (atual ombudsman da Folha de S. Paulo) entre vários outros destaques do mercado jornalístico e acadêmico, o congresso foi dividido em nove mesas de debates. Para Márcia Cruz, jornalista do jornal Estado de Minas e idealizadora do Congresso Lena Santos, mesmo com a dificuldade da falta de espaço, iornalistas negros não desistiram de ocupar as redações. "Os nomes negros no jornalismo brasileiro não deixam dúvida que tivemos participação fundamental na constituição da imprensa brasileira desde os primeiros anos de uma imprensa oficial no Brasil. No entanto, por reveses históricos, anos após anos foi dito que o jornalismo não era o nosso lugar", destaca a idealizadora do evento.



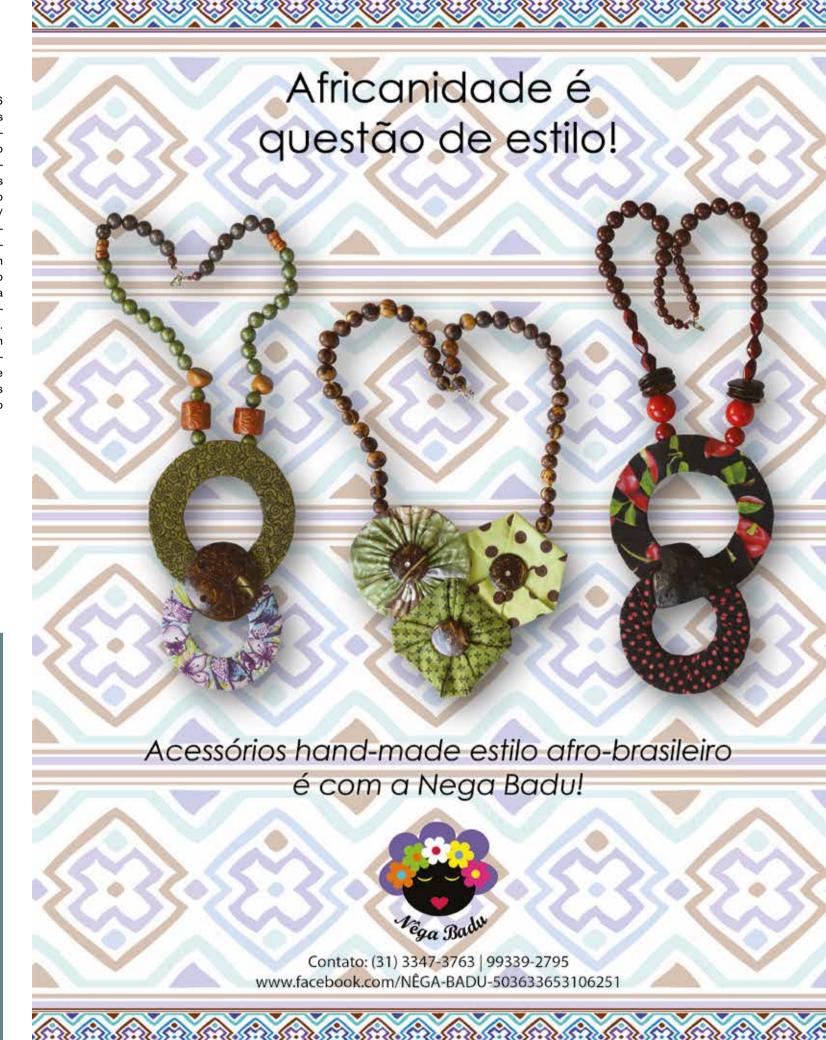
#### Ton Guimarães



O músico e compositor mineiro Ton Guimarães apresentou o show Filho de Xangô, projeto autoral que homenageia a cultura africana, na programação do I Congresso Mineiro de Práticas Colaborativas, realizado pela OAB-MG (Ordem dos Advogados do Brasil – Seção Minas Gerais). Ele foi a atração cultural convidada para encerrar o evento digital que foi transmitido no canal de youtube Comissões OAB-MG.

O show autoral do cantor fez um passeio por vários ritmos, trazendo a força e a representatividade dos tambores oriundos dos terreiros. Na ocasião, o artista, em uma homenagem ao compositor Paulinho Pedra Azul, representante da música do Vale do Jequitinhonha, apresentou uma interpretação sua da música Jardins da Fantasia.

A versão está disponível no canal de Youtube do Ton Guimarães.





# Nutrição e Hidratação

Óleo de coco + Óleo de Argan + D-Pantenol

# AfroLivre



www.niaricosmeticos.com.br

EL PRINCIPALITY OF THE CONTRACTOR OF THE CONTRAC

\*Livre de parabenos e petrolato